

PATRICIA BERGAMINI LOMONACO

**UM ESTUDO PSICOSSOMÁTICO DO PROCESSO DE
ADOCIMENTO DA PERSONAGEM BESSIE, DO FILME “AS FILHAS DE
MARVIN”, SOB A LUZ DA PSICOLOGIA ANALITICA.**

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2008

PATRICIA BERGAMINI LOMONACO

**UM ESTUDO PSICOSSOMÁTICO DO PROCESSO DE
ADOCIMENTO DA PERSONAGEM BESSIE, DO FILME “AS FILHAS DE
MARVIN”, SOB A LUZ DA PSICOLOGIA ANALITICA.**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia
sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Ana Laura Schliemann

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2008

Agradecimentos:

Dedico este trabalho à minha família: aos meus pais, que com muito amor e carinho, sempre estiveram ao meu lado, acreditaram no meu potencial e investiram no meu aprendizado; e ao meu irmão, eterno companheiro;

Aos meus avós Dinda e Domingos, por me ensinarem que trabalhar dignifica o homem (a e mulher);

Aos meus avós Carlos e Irene, pelo amor;

A minha orientadora e professora, Ana Laura Schliemann, que me apoiou nas horas difíceis sem deixar de me orientar com muito profissionalismo e disposição;

A minha terapeuta, Jane Dias, uma das mulheres mais especiais que eu conheci e que juntas fazemos um trabalho incrível.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas e profissionais que cruzaram meu caminho, desde sempre, e contribuíram de alguma maneira para eu ser quem eu sou e conseguir chegar aonde cheguei;

A todos meus professores, em especial à Rosa Farah, Denise Ramos, Regina Gorodscy, pela atenção e carinho com que me ouviram e deram dicas para este trabalho;

Ao grande amigo Luiz Peres Soares, pelas dicas sobre leucemia;

Aos todos meus amigos queridos, em especial à: Mariana Vieira de Sá, Thaís Araújo, Juliana Wierman, Marcela Vidal, Gustavo Pessoa, Virginia Walton, Maria Gandini e à turma do Santa Cruz!

“Um funcionamento inadequado da psique pode causar tremendos prejuízos ao corpo, da mesma forma que, inversamente, um sofrimento corporal consegue afetar a alma, pois alma e corpo não são separados, mas animados por uma mesma vida.”

Jung, (1953, p. 194)

Psicologia - 7.07.00.00-1
Distúrbios Psicossomáticos – 7.07.10.06-6

Patrícia Bergamini Lomonaco: Um Estudo Psicossomático do Processo de Adoecimento da Personagem Bessie do Filme “As Filhas de Marnin”, sob a Luz da Psicologia Analítica, 2008.

Orientador: Prof^a D.ra Ana Laura Schliemann

Palavras Chaves: Psicossomática, Psicologia Analítica, Corpo, Leucemia, Mulher.

RESUMO:

Estudos vêm sendo realizados com o intuito de estabelecer uma relação entre as manifestações corporais e os conteúdos psíquicos de um indivíduo, contudo, este é um tema muito amplo, que tem muito para ser estudado, descoberto e divulgado. Este trabalho - qualitativo documental - teve como objetivo fazer uma leitura interpretativa da personagem Bessie, do filme “As Filhas de Marvin” (1996), sob o olhar da psicologia analítica. O filme “As Filhas de Marvin” conta a história de Bessie e Lee, duas irmãs que se reencontram após vinte anos, quando Bessie descobre que está com Leucemia. Este estudo visa não só contribuir para o estudo da psicossomática, área da psicologia que estuda a relação entre a psique (Alma) e o corpo (Soma), mas também de colaborar com os estudos da psicologia analítica, da doença Leucemia, e de fornecer material para estudiosos da área e pessoas interessadas pelo tema. A partir de conhecimentos produzidos previamente sobre os temas: psicossomática, psicologia analítica e leucemia e de um levantamento das cenas mais importantes do filme, analisei o adoecer da personagem Bessie. Os resultados são baseados em hipóteses, já que se trata de uma personagem fictícia, e não é possível investigar mais do que nos é apresentado no filme. É possível que a morte precoce de sua mãe, a perda de seu único namorado, o cuidado com que trata o pai, a briga com a irmã, a repressão de sua figura feminina, sua personalidade conformista em relação a seu destino e sua imaturidade psíquica tenha contribuído para que ela desenvolvesse o câncer.

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PSICOSSOMÁTICA E PSICOSSOMÁTICA JUNGUIANA.....	3
3. LEUCEMIA.....	12
3.1 O que é Leucemia e transplante de Medula?.....	12
3.2 Fatores Psicossociais e Leucemia.....	16
4. OBJETIVO.....	18
5. MÉTODO.....	18
5.1. Apresentação dos dados.....	19
5.2. Procedimento de análise.....	19
5.3. Resumo do filme.....	20
6. ANÁLISE.....	24
6.1 Descrição das Principais Cenas da Personagem Bessie.....	25
6.2 Interpretação e Análise da Personagem Bessie.....	32
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
8.1. Bibliografia Consultada.....	45

1. INTRODUÇÃO:

Meu interesse inicial pelo estudo da psicossomática começou durante uma eletiva de pesquisa no sexto semestre da graduação, chamada Psique/Corpo, ministrada pela professora Denise Gimenez Ramos.

Depois de assistir a esta eletiva, fiquei mais atenta aos sinais que meu corpo me dava, e pude levantar hipóteses interessantes e até curiosas, sobre o significado de cada sintoma ou manifestação do meu corpo. Reparei também o quanto eu até então não tinha o hábito de prestar atenção nos sinais do meu corpo, tais como: olfato, frio, dores musculares dentre outras. Só as percebia quando os sintomas já estavam bem acentuados.

No decorrer do meu dia-a-dia, em casa, na faculdade, em ambientes sociais, observei que não era apenas eu que estava distante do meu corpo, mas que a esmagadora maioria das pessoas que estão a minha volta também estavam distantes de seus respectivos corpos. Foi então que eu percebi o quanto este tema fazia sentido para mim: além de ser uma área de meu interesse, é um tema que envolve a todos e tem muito para ser estudado e divulgado.

Do ponto de vista teórico, ao longo de toda a faculdade tive a oportunidade de ter contato com a teoria Junguiana, a qual me despertou maior interesse a cada dia. Apesar de já ter estudado um pouco sobre a psicossomática junguiana durante a eletiva de Denise Ramos, foi na eletiva que estou cursando no quinto ano “Abordagem Corporal em Psicologia”, com as professoras Rosa Farah, Regina Gorodscy e Maria Georgina Gonçalves, que me aprofundei no assunto e me apaixonei pela maneira que Jung aborda a psicossomática.

Na revisão bibliográfica, alguns estudos sobre a psicossomática Junguiana já foram realizados, tais como os trabalhos de Ramos (1990), Ramos (2006), Mourim (2006), contudo, este é um tema é muito amplo e envolve fatores muito subjetivos, portanto, ainda há muito o quê ser pesquisado e descoberto.

Neste sentido, farei uma análise da personagem, Bessie, do filme “As filhas de Marvin” (1996), baseado nos conceitos de Psicologia Analítica e da Psicossomática. Ou seja, irei formular hipóteses de que possíveis acontecimentos de sua vida e características de sua personalidade levaram a seu adoecimento.

Inicialmente, a escolha do tema foi feita em função de estudar os dois assuntos que mais me encantaram e fascinaram durante a faculdade: a psicossomática e a abordagem analítica.

Para a escolha do filme, alguns filmes foram vistos e avaliados, com o intuito de escolher um que me permitisse identificar e estudar a influência que os fatores ambientais e os fatores psíquicos podem exercer e se manifestar através de nosso corpo. Não estava disposta à trabalhar apenas com filmes que abordassem o câncer, contudo, por esta ser uma doença muito atual, existem bons títulos que abordam esta doença e que me permitiriam realizar meu trabalho. Fiquei na dúvida entre fazer este trabalho entre dois filmes: “As Filhas de Marvin” (1996) e “Minha Vida” (1993). Estes dois filmes apresentam histórias e personagens que facilitariam realizar uma análise, mas acabei optando pelo primeiro.

O processo de investigação desta pesquisa foi composto pela: definição de psicossomática; explicação dos conceitos da psicossomática junguiana; definição da doença leucemia e de transplante de medula; levantamento de pesquisas na área de psico-oncologia e a relação entre o câncer e os aspectos psíquicos e ambientes daqueles que apresentam a doença. A partir deste processo de investigação e dos conceitos da psicossomática junguiana, analisei

a personagem Bessie do personagem do filme “As filhas de Marvin”: levantei possíveis hipóteses que justificam o porquê de seu adoecimento.

2. PSICOSSOMÁTICA E PSICOSSOMÁTICA JUNGUIANA:

A psicossomática é a área da psicologia que estuda a relação entre a psique e o corpo. Segundo Mello Filho (1998):

“O desenvolvimento da pesquisa psicossomática nos orienta, contudo, para pensar sempre numa possível influência psicológica na gênese de qualquer doença, tal é a importância da mente em nossos processos biológicos.” (p.18).

LIPOWISKI (apud RAMOS, 2006) define a psicossomática como:

“Psicossomática é um termo que se refere à inseparabilidade e interdependência dos aspectos psicológicos e biológicos da humanidade. Essa conotação pode ser chamada de holística, na medida em que ela implica na visão do ser humano como uma totalidade, um complexo mente-corpo imerso num ambiente social.” (1984, p. 167).

A abordagem psicossomática, busca desconstruir o paradigma biomédico de doença, e estabelecer um novo modelo, o biopsicosocial. É muito importante que não nos bastemos com a explicação holística sobre o homem, e atribuir que toda e qualquer doença seja consequência de fatores psíquicos. Bem como, também, não podemos nos contentar apenas com as explicações da medicina. Miorim (2006) coloca que:

“Evitando-se por um lado à perversão da especialidade observada no “especialismo” dos profissionais que perdem a visão do paciente como um todo, mas também evitando o “holismo ingênuo” que faz com que se caia na armadilha oposta.” (p. 51).

Sustentando esta mesma idéia, Ramos (2006) explica que é importante que haja uma fusão destas escolas:

“O reflexo dessa dissociação encontra-se presente nas mais variadas circunstâncias de nossa vida. A começar pelas duas escolas – medicina e psicologia – que disputam o ser humano, ficando cada uma com sua metade e, pior ainda, achando que sua metade é uma totalidade.” (p. 15).

Um exemplo no qual fica evidente que a psique influencia no funcionamento do corpo é o luto ou a perda. Em situações de luto aceito, aqueles que a sociedade reconhece, esta relação pode ser identificada facilmente, posto que uma pessoa pode reagir com vômitos, dores no corpo ou até com desmaios ao perder um ente querido. Neste sentido, Ferreira (2000) diz:

“(...) A própria doença é o caminho pelo qual o ser humano pode seguir a cura. Assim, a cura acontece por meio da incorporação daquilo que está faltando e, portanto, ela não é possível sem uma expansão de consciência. Por este motivo este trabalho traz em seu âmago o processo de adoecer como caminho da elaboração do processo de luto, pois acreditamos que quanto maior a consciência com que enfrentamos o nosso caminho, tanto maior cumprirão seus objetivos. A intenção não é combater a doença e, sim, observa-la, usa-la para analisar os fatos com um pouco mais de profundidade.” (p. 16).

O luto aceito é uma das situações na qual a relação entre mente e corpo está claramente presente. Contudo, não é apenas em situações extremas que esta relação existe e é perceptível. Quem nunca teve uma dor de barriga ou suou frio antes de fazer um exame considerado difícil?

Desde antes de Cristo até os dias de hoje, muitos autores fizeram importantes contribuições para a área da psicossomática, dentre eles está

Sigmound Freud, Franz Alexander, Pierre Marty, Mc Dougall, Sándor Ferenczi e Wilhelm Reich, contudo, este trabalho têm como objetivo se ater aos conceitos da psicossomática junguiana, que é baseado nos conceitos de Jung.

Apesar da relação mente-corpo não ser o assunto focado por Jung, não só pode-se encontrar inúmeros trechos nos quais ele aborda esta relação, como também podemos perceber claramente a relevância deste tema em seus trabalhos e teorias.

Jung considerava o campo psíquico e o campo somático dois pólos de um mesmo fenômeno: “psique e corpo são aspectos diferentes de uma única coisa” (Jung, 1972, p.418). Inúmeras menções à correlações psicofísicas podem ser encontradas em sua obra, como veremos no decorrer deste capítulo. Segundo Jung:

“(…) a distinção entre mente e corpo é uma dicotomia artificial, um ato de discriminação baseado muito mais na peculiaridade da cognição intelectual do que na natureza das coisas. De fato, é tão íntimo o inter-relacionamento dos traços psíquicos e corporais que podemos não somente estabelecer inferências sobre a constituição da psique a partir da constituição do corpo como também podemos inferir características corporais a partir das peculiaridades psíquicas”. (Jung, 1972, p.916).

Farah (2008), ao estudar como Jung se posiciona diante desta relação, destaca que:

“(…) foi possível observar diferentes níveis de menções ao corpo (e/ou seus processos) sendo expressas nas falas de Jung: em alguns momentos, trata-se literalmente de uma relação formulada pelo autor, no real sentido do termo. Em outros, consiste numa hipótese, uma simples menção ao corpo o , ainda, uma exemplificação de algum processo ou fenômeno corporal.” (p. 278).

Jung (2004), em sua obra "Fundamentos da Psicologia Analítica", fala sobre a preponderância da relação mente-corpo e da simultaneidade dos processos mentais e corporais:

"A relação mente corpo constitui um problema extremamente difícil... Aqueles que por temperamento preferem a teoria da supremacia do corpo afirmarão que os processos mentais são epifenômenos da química fisiológica. Os que acreditam mais no espírito adotarão a tese contrária: o corpo é apêndice da mente e a causalidade reside no espírito...Tudo o que se pode observar é que processos do corpo e processos mentais desenrolam-se simultaneamente e de maneira totalmente misteriosa para nós. É por causa de nossa cabeça que lamentável que não podemos conceber corpo e psique como sendo uma única coisa." (p.29).

Apesar de admitir que mente e corpo agem simultaneamente, ele não define como esta relação se dá. Neste sentido, diz que:

"Corpo e psique são os dois aspectos do ser vivo, e isso ;e tudo que sabemos. Assim prefiro afirmar que os dois elementos agem simultaneamente, de forma milagrosa, e é melhor deixarmos as coisas assim, pois não podemos imaginá-las juntas...penso que existe um princípio particular de sincronicidade ativa no mundo, fazendo com que fatos de certa maneira aconteçam juntos como se fossem um só, apesar de não captarmos essa interação... atualmente sinto-me incapaz de afirmar se é o corpo ou a mente que prevalece." (p.29).

Para que seja possível estabelecer uma relação entre a psicossomática e a perspectiva junguiana, Ramos (2006) recomenda que alguns conceitos sejam revisados e esclarecidos, para permitir um melhor entendimento sobre a psicossomática, tais como: a sincronicidade, a função transcendente e o símbolo.

Para Jung (2007), a sincronicidade diferencia-se dos fenômenos deterministas (causa-efeito), pois um fenômeno não é consequência do outro. Embora os fenômenos sejam simultâneos como na sincronicidade, eles não apresentam nenhuma conexão causal de igual conteúdo simbólico. A sincronicidade é o paralelismo de dois fenômenos sem relação causal, que contenham um mesmo significado simbólico.

“Os fenômenos sincronísticos são a prova da presença simultânea de equivalências significativas em processos heterogêneos sem ligação causal.; em outros termos, eles provam que um conteúdo percebido pelo observador pode ser representado, ao mesmo tempo, por um acontecimento exterior, sem nenhuma conexão causal.” (Jung, 2007, p.94).

A sincronicidade não implica em uma relação determinista de causa-efeito entre dois fenômenos, mas sim em um paralelismo causal e significativo entre os mesmos. Por exemplo, um fenômeno sincronístico quando um sintoma que se expressa no corpo tem o mesmo significado simbólico de um conteúdo psíquico.

Deste modo, é possível que uma manifestação orgânica corresponda à um evento psíquico sem apresentar uma relação causa-efeito com entre os campos.

Outro termo da psicologia analítica importante para a compreensão de psicossomática junguiana é a função transcendente, que é tido como um mecanismo compensatório da nossa psique que faz a ponte e visa estabelecer o equilíbrio entre as partes: consciente e inconsciente. Como a psique está em constante movimento na qual uma atitude no âmbito da consciência tende a ser compensada por uma reação inconsciente. “Visto que a psique é um sistema auto-regulador, como um corpo vivo, é no inconsciente que se desenvolve a contra-reação reguladora.” (Jung, 2008, p.11).

Sobre o mesmo tema , Miorim (2006) escreve que:

“A função transcendente é um evento arquetípico que possibilita a comunicação entre a consciência e o inconsciente. Normalmente a consciência não permite essa manifestação, seja através da censura ou da crítica, seja porque o material inconsciente é desconhecido e incompatível com os valores da consciência. Para que a expressão ocorra é necessário um estado de consciência especial, uma disponibilidade do ego em permitir um rebaixamento do limiar da percepção, que permita escutar os conteúdos e possibilitar sua expressão.” (p. 60).

Portanto, esta função pode ser entendida como um método que auxilia na comunicação intrapsíquica: a pessoa faz uma compensação da energia psíquica através de uma elaboração simbólica. A capacidade de transformar um tipo de energia em outro é denominado como: teoria da transdução, que, segundo Ramos (2006):

“...trata da conversão ou transformação de energia ou informação de uma forma em outra (...) e a transmissão de informações entre os sistemas requer que algum tipo de transdutor possibilite a conversão de códigos de um sistema para o outro” (p. 69)

Sendo assim, através de um canal de expressão, é possível materializar conteúdos abstratos, o que facilita a comunicação e, portanto, a elaboração simbólica. Um canal de expressão, pode ser, por exemplo, um desenho, uma escultura, uma melodia, mas também pode ser uma doença. A doença é um símbolo que, quando elaborado, pode ser integrado á consciência fazendo desaparecer os seus sintomas.

Sobre isto, Mourim (2006) coloca:

“(…) o que ocorre no corpo pode ser considerado uma expressão simbólica ou um modo do organismo expressar um conflito, uma desarmonia, uma oposição. O corpo simbolicamente se apresenta como um mecanismo compensador das atitudes unilaterais da consciência. Ao invés de buscar a causa de algo, na abordagem finalista observamos para onde esse algo se dirige.” (p. 62).

Frente a isto, o entendimento de símbolo também é importante para o entendimento deste trabalho, e este não se resume a um mero signo, mas sim funciona como ponte entre os conteúdos do inconsciente e do consciente e evoca algo mais do que seu simples significado. O símbolo é algo dinâmico e vivo e podem ser individuais ou coletivos. “Entende-se símbolo como o termo que melhor traduz um fato complexo e ainda não claramente apreendido pela consciência”. (Jung, 2008, p. 7).

O símbolo é o mecanismo que permite que um conteúdo psíquico inconsciente seja acolhido pela consciência. “O mecanismo psicológico que transforma a energia psíquica é o símbolo” (Jung, 2007, p.54).

Podemos indicar o símbolo de imediato, muito embora não sejamos capazes de desvendar seu significado, para nossa plena satisfação. Um símbolo permanece um desafio perpétuo para nossos pensamentos e sentimentos. Isso provavelmente explica a razão por que um trabalho simbólico é tão estimulante, por que nos domina tão intensamente, mas também por que raramente nos propicia um prazer puramente estético.

Outros elementos da constituição psíquica que precisam ser considerados são o complexo e o arquétipo. Jung (1972) explicita como o complexo pode interferir no funcionamento do corpo. Para ele, essa estrutura de idéias de forte carga afetivas, “é um aglomerado de associações – espécie de quadro de

natureza psicológica mais ou menos complicada – às vezes de caráter traumático, outras, apenas doloroso e altamente acentuado.” (p. 66).

“...por ser dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade. Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade fisiológica própria, podendo perturbar o coração, o estômago, a pele.” (Jung, 1972, p. 66).

Por este trecho pode-se entender que, um complexo, por ser dotado de energia própria, pode interferir no funcionamento de sistemas do corpo, em função de manter o equilíbrio psíquico. Conseqüentemente, os sintomas podem ser manifestações simbólicas de complexos patogênicos.

Segundo Ramos (2006):

“O sintoma orgânico pode corresponder a uma cisão na representação não expressão de um arquétipo ou de um complexo em que a parte abstrata/psíquica ficou reprimida. Ao ficar desconectado do ego, esse sintoma se repetirá compulsivamente como uma tentativa de se integrar à consciência, a fim de que o processo de investigação prossiga.” (p.78).

Podemos encontrar também na obra de Jung trechos que nos esclarecem como ele como ele admite a relação entre o processo de individuação e a relação entre mente e o corpo.

Jung atribui a doença como uma das possíveis conseqüências sobre o impedimento do processo de individuação. Jung (1972), em seu livro sobre “Tipos Psicológicos”, coloca individuação como:

“processo de diferenciação cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual. A necessidade de individuação é natural, enquanto o

impedimento da individuação por uma normalização exclusiva ou preponderante, de acordo com os padrões coletivos, será prejudicial para a atividade vital do indivíduo, para sua vivência pessoal.”

Sobre a consciência corporal, Jung (1972), afirma que essa colabora para o processo de individuação:

“É assim a individuação, só pode ocorrer se primeiro retornarmos ao corpo, á nossa terra, só então ela se torna verdadeira (...) A individuação só pode ocorrer quando é percebida, quando alguém está lá e a registra; de outro modo/, é a eterna melodia do vento no deserto...” (p. 300).

Jung teve uma maior preocupação em estabelecer a simultaneidade das relações do que em explicá-la. De acordo com Farah (2008),

“Jung não se expressa de forma a estabelecer relações causais entre os eventos psicofísicos. Em lugar disto, menciona-os como simultâneos, ou melhor dizendo, sincrônicos. Descreve os processos globais tal como os observa, de acordo com sua perspectiva integradora, em lugar de estabelecer dicotomias analíticas.” (p. 288).

Estes são alguns dos conceitos fundamentais que devem ser lembrados para a compreensão da psicossomática junguiana.

Outros conceitos da psicologia analítica também podem ser lembrados para uma compreensão do fenômeno psicossomático numa perspectiva junguiana, como veremos mais à frente, contudo, os citados acima são fundamentais.

3. LEUCEMIA:

3.1 O que é leucemia e transplante de medula?

Como a doença “Leucemia” é ponte para o entendimento do quadro psicossomático de Bessie, e não o foco deste trabalho, faço um pequeno resumo das principais informações sobre Leucemia. As informações estão baseadas e referidas no site da Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia (ABRALE) que é uma associação sem fins lucrativos reconhecida por profissionais da área por sua seriedade, que tem como objetivo orientar os pacientes, os familiares e os profissionais da área através de palestras e afins, e também oferecer um suporte para os pacientes tanto no âmbito jurídico como no âmbito psicológico.

A Leucemia refere-se ao grupo de cânceres que afeta a produção das células de defesa do corpo humano: as células brancas (leucócitos). A palavra câncer tem origem no latim, cujo significado é caranguejo. Tem esse nome, pois as células doentes atacam e se infiltram nas células saudáveis como se fossem os tentáculos de um caranguejo. O câncer é definido como um tumor maligno, mas não é uma doença única e sim um conjunto de mais de 200 patologias, caracterizado pelo crescimento descontrolado de células anormais (malignas) e como consequência ocorre a invasão de órgãos e tecidos adjacentes envolvidos, podendo se disseminar para outras regiões do corpo, dando origem à tumores em outros locais. Essa disseminação é chamada de metástase.

Olhando de outro ponto, a leucemia é uma doença caracterizada pela produção excessiva de células brancas anormais, superpovoando a medula óssea. Dada à velocidade da multiplicação celular, os glóbulos brancos não têm tempo para amadurecer e, portanto, não conseguem desempenhar sua função adequadamente, o que compromete o funcionamento normal do sistema imunológico.

A leucemia também é vista como uma doença auto-imune, ou seja, é uma doença na qual o sistema imunológico ataca e destrói tecidos do próprio corpo. O anticorpo, que é um mecanismo de defesa do corpo, passa a ser um mecanismo de auto-agressão. Para melhor entender esta doença, é importante que compreendamos a composição do sangue e da medula óssea.

A medula óssea é um tecido esponjoso, que ocupa a cavidade central do osso e onde ocorre o desenvolvimento de células sangüíneas que circulam no sangue. O processo de formação das células sangüíneas é chamado de hematopoese. Um pequeno grupo de células, denominadas as células-tronco hematopoéticas, é responsável por produzir todas as células sangüíneas no interior da medula óssea. As células-tronco hematopoéticas, se desenvolvem em células sangüíneas específicas por meio de um processo de diferenciação (vide Figura 1).

Segue abaixo uma figura para ilustrar e facilitar a compreensão do desenvolvimento das células sanguíneas e dos linfócitos:

Desenvolvimento de Células Sangüíneas e de Linfócitos

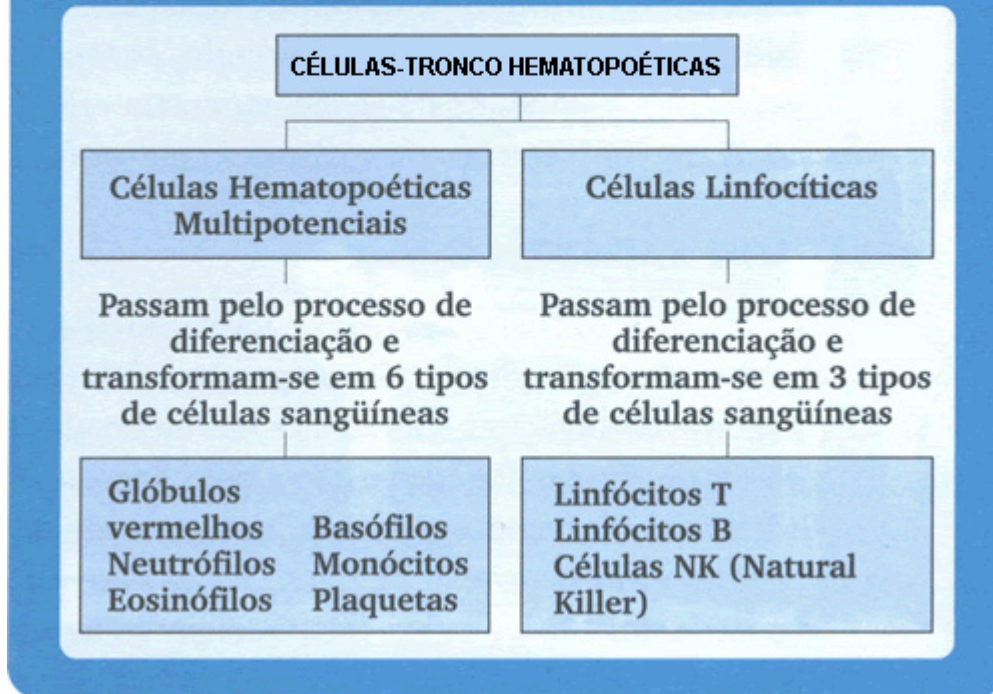


Figura 1: Desenvolvimento de Células Sanguíneas e de Linfócitos.

Esta estrutura é expressa no sangue é composto por plasma e células suspensas no mesmo. O plasma é formado por água na qual se dissolvem vários elementos químicos: proteínas (ex.: albumina), hormônios (ex.: hormônio da tireóide), minerais (ex.: ferro), vitaminas (ex.: ácido fólico) e anticorpos, inclusive aqueles que desenvolvemos a partir da vacinação (ex: anticorpos ao vírus da poliomielite). As células presentes no sangue incluem glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e as plaquetas.

Os glóbulos vermelhos estão repletos de hemoglobina, a proteína que capta oxigênio nos pulmões e os leva para os tecidos. As plaquetas são células pequenas que ajudam a conter sangramentos, acoplando-se à superfície dos vasos, quando lesados, fazendo com que se juntem, fechando o local do sangramento.

Os glóbulos brancos são também denominados fagócitos, ou células “comedoras”, por “ingerirem” bactérias ou fungos e ajudar à destruí-los, auxiliando na cura de infecções. Os eosinófilos e os basófilos são sub-tipos de glóbulos brancos que participam da resposta a processos alérgicos. Os linfócitos são tipos de glóbulos brancos presentes, em sua maioria nos gânglios linfáticos e em menor número no sangue periférico, que têm como principal função manter a imunidade. Existem três tipos de linfócitos: Linfócito B, Linfócito T e células NK (Natural Killer). Todos estes tipos de células ajudam o corpo a combater infecções.

Já os gânglios linfáticos são nódulos ou órgãos do tamanho de um grão de feijão, encontrados em todo o corpo. Eles se acumulam em certas áreas, como pescoço, axilas, peito, abdome e virilha. Vasos linfáticos são vasos que conectam os gânglios. Eles contêm linfa, uma espécie de fluido que transporta os linfócitos, e funcionam como “vias expressas” para o trânsito dos linfócitos.

Em indivíduos saudáveis, existem células-tronco hematopoéticas suficientes para que haja uma produção contínua das células sangüíneas. Quando as células estão completamente maduras (com capacidade de funcionamento), elas deixam a medula óssea e migram para o sangue, onde realizam suas funções.

As leucemias são doenças onde há uma alteração genética adquirida (não congênita) nas células primitivas da medula óssea. É importante ressaltar que não se trata de um fenômeno hereditário, apesar de ocorrer nos genes.

Quando a leucemia é diagnosticada e a pessoa considerada doente, temos tratamentos, tais como quimioterapia, radioterapia e o transplante de medula óssea. O transplante de medula é um tratamento proposto para algumas doenças benignas ou malignas que afetam as células do sangue, como por

exemplo, em certos tipos de Leucemia. Ele consiste na substituição de uma medula óssea doente, ou deficitária, por células normais de medula óssea, com o objetivo de favorecer a reconstituição de uma nova medula.

Existem dois tipos de transplante: o transplante da própria medula da pessoa e o transplante é dito alogênico, quando a medula ou as células provêm de um outro indivíduo (doador) – como é o caso da personagem Bessie.

Neste tipo, para que se realize um transplante de medula alogênico é necessário que haja compatibilidade entre doador e receptor. Esta compatibilidade é determinada por um conjunto de genes localizados no cromossomo 6. Esta análise é realizada em testes laboratoriais específicos, a partir de amostras de sangue do doador e receptor, chamados de exames de histocompatibilidade. E frente a essa característica é que na maioria das vezes o doador é um familiar. A probabilidade de um indivíduo encontrar um doador ideal entre irmãos (mesmo pai e mesma mãe) é de 25%.

3.2 Fatores Biopsicossociais da doença (Câncer):

Estudiosos tentam estabelecer as causas do câncer e, nesta busca, muitos autores observam que há uma relação entre estados emocionais, ambientais e predisposições para doenças orgânicas.

Evans (1926), observou que dentre os cem pacientes que observou com o diagnóstico de câncer, muitos haviam perdido um ente querido ou uma função social pouco antes do aparecimento da doença.

Neste mesmo sentido, Pacheco (1987), verificou que muitas pesquisas vêm sendo realizadas e confirmam que existe uma forte correlação entre o câncer e o estado de espírito do paciente antes de contrair a moléstia. É freqüente o paciente se queixar de fortes depressões, ou contrariedades,

causadas pela perda de pessoas que amava ou das quais dependia antes da doença.

Ferraz (1997) afirma que, muitos autores têm assimilado que pacientes com câncer têm dificuldades em expressar suas emoções, principalmente aquelas agressivas e hostis e que muitos até chegam a desconhecer estas emoções. São pessoas que não têm acesso a seu mundo interno, não identificam sentimentos e não conseguem nomeá-los.

Goleman (1953), coloca que estudos revelam que as pessoas solitárias, conforme medido pelos testes psicológicos, tendem a ter uma função imunológica pior. Ele também comenta também sobre a incidência de câncer em pessoas estressadas. Segundo o autor, o estresse emocional pode enfraquecer o sistema imunológico, e, assim, aumentar as chances de um indivíduo desenvolver câncer, considerando que células cancerígenas são produzidas à todo momento em nosso corpo e nosso sistema imunológico as reconhece e as destrói, impedindo o aparecimento de um tumor.

Donice (2007), em seu estudo sobre a psicossomática do estresse, define que estresse como:

“Uma reação do organismo, com componetes físicos e/ou psicológicos, causada pelas reações psicossóficicas, que acontece quando a pessoa se confronta com uma situação que, de um jeito ou de outro, a aborrece, amedronta, excita ou confunde, ou mesmo que a faz feliz, erroneamente, ele está associado somente a fatores negativos”. (p.13)

Franca (2002) afirma que “os fatores estressantes advêm tanto do meio externo (temperatura, condições de insalubridade, ambiente social, trabalho) e do mundo externo, (pensamentos, emoções – angústia, medo, alegria, tristeza)”. (p. 27).

Mello Filho (1992) salienta a importância de estarmos conscientes que o conflito é um grande gerador de problema, a ponto de produzir alterações nas funções orgânicas, que, de acordo com a frequência, intensidade e persistência, podem acarretar alterações na vida celular e causar lesões. Ele coloca também que este quadro piora quando as emoções são muito contidas ou de submissão, relata o autor.

Essas formulações das raízes emocionais sobre doenças, incluindo o câncer, ainda são especulativas para serem utilizadas com segurança, contudo, apontam para a direção de que o modelo holístico pode ser válido. É um ponto a ser considerado com atenção, até que algum estudo mais esclarecedor confirme alguma hipótese até agora levantada.

4. OBJETIVO:

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o processo de adoecimento da personagem Bessie, do filme “As Filhas de Marvin” (1996), sob a luz da psicossomática junguiana.

5. MÉTODO:

Esta pesquisa classifica-se como qualitativa documental, uma vez que pretende fazer uma análise da personagem Bessie do filme as filhas de Marvin. Segundo Lakatos e Marconi (2002), a pesquisa documental caracteriza-se pela pesquisa na qual a coleta de dados se restringe a documentos, escritos ou não, que no caso deste trabalho é o filme.

Blasco (2002) define este tipo de pesquisa - qualitativa documental - como sendo os trabalhos que buscam a compreensão do significado dos fatos pesquisados em seu contexto e as interpretações dos resultados realizados pelo pesquisador são o que responde as perguntas levantadas pela pesquisa.

Pádua (2002) coloca que a pesquisa documental é muito utilizada nas Ciências Sociais para a investigação histórica, com o objetivo não apenas de descrever e comparar fatos sociais, mas também de situar suas características ou tendências. Essa linha de pesquisa é realizada através de documentos considerados fidedignos, sejam eles autênticos ou retrospectivos. Além de fontes primárias, esses documentos também empregam fontes secundárias, como dados estatísticos, realizados por institutos confiáveis e especializados.

5.1 Apresentação dos Dados:

Foi utilizado como instrumento de pesquisa o filme “As Filhas de Marvin”, (“Marvin’s Room”), dirigido por Jerry Zaks, roteiro de Scott McPherson, filmado nos Estados Unidos, em 1996.

O Filme foi assistido por 7 vezes e foram selecionados cenas consideradas importantes e significativas para a análise, e que estavam de acordo com o objetivo do trabalho. O resumo do filme foi feito com a finalidade de ilustrar a história do filme como um todo. A análise enfoca o adoecer de Bessie, relacionando-o com seu os acontecimentos de sua vida, as pessoas que estão a sua volta e a maneira na qual ela lida tudo isso.

Primeiramente, será apresentado um resumo do filme, em seguida, as cenas que foram separadas para que a análise possa ser realizada com maior clareza.

5.2. Procedimento de análise:

O sujeito da pesquisa foi Bessie: uma mulher de aproximadamente 40 anos que é diagnosticada com Leucemia. Ela liga para a irmã, Lee, com quem brigou há vinte anos atrás e pede para que essa venha com seus filhos passar

uma semana na casa aonde mora e cuida de seu pai e sua Tia, para que eles fizessem o teste e verificassem se algum dos três teria medula compatível com a dela para realizar o transplante de medula e salvar sua vida.

A análise da personagem foi feita com base no resumo do filme, na descrição da personagem e na descrição das cenas mais importantes e reveladoras nas quais Bessie aparece. Estas cenas foram descritas, uma após outra, mais com o intuito de descrever os comportamentos de Bessie do que de proporcionar ao leitor um resumo linear do filme. O material foi analisado de acordo com as teorias sobre psicossomática junguiana, conforme apresentado anteriormente.

5.3. Resumo do filme “As Filhas de Marvin”:

O roteiro do filme lançado em 1996, “As Filhas de Marvin”, é inspirado na peça do dramaturgo Scott McPherson, de 1991. Na época do lançamento, o filme foi muito comentado e criticado por seu glorioso elenco: Meryl Streep (Lee), Diane Keaton (Bessie), Robert De Niro (Dr. Wally), Leonardo Di Caprio (Hank), Hume Cronyn (Marvin), Guen Verdone (Ruth) e Hal Scardino (Charlie).

O filme foi premiado no festival Internacional de Moscou, pela brilhante atuação do diretor Jerry Zaks, e as atrizes Diane Keaton e Meryl Streep que foram indicadas, respectivamente, para: Oscar de melhor atriz, pela academia de Hollywood e prêmio de melhor atriz-drama, pelo Globo de Ouro.

Seria interessante, neste momento, trazer mais informações sobre o filme, tais como o impacto que o filme causou no público e críticas mais profundas, para talvez, fazer possíveis associações com as hipóteses que levantarei no final deste trabalho. Contudo, o filme foi lançado à mais de 10 anos e muito pouco material pode ser encontrado a respeito do mesmo.

Para ilustrar a configuração familiar, segue abaixo um genograma dos personagens mais importantes do filme. Além do nome de cada personagem, segue uma pequena observação com características de cada um para facilitar a compreensão do filme e, conseqüentemente, do entendimento deste trabalho:

Genograma do filme: “As filhas de Marvin”

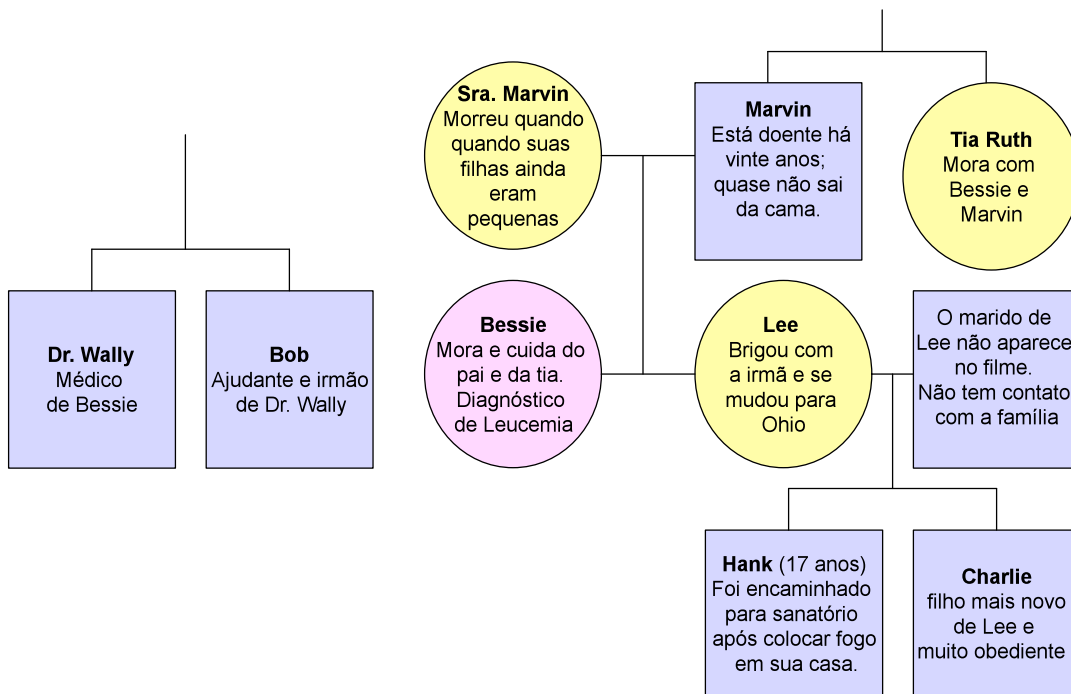


Figura 2.

Este filme se passa em uma pequena cidade do interior dos EUA e retrata as relações familiares e como cada personagem encara sentimentos como: amor, a dedicação, a solidariedade e a morte. A história trata de duas irmãs que, depois de vinte anos sem se falarem, se reencontram por que uma delas (Bessie) está com câncer e elas precisam realizar um teste para ver se suas medulas são compatíveis.

No filme, Bessie é a filha velha de Marvin. Sua mãe morreu de câncer quando ela ainda era pequena. Quando seu pai ficou doente, há vinte anos atrás, ela foi morar com o pai e com sua tia Ruth. Ela vendeu suas coisas, deixou de lado sua vida profissional, não casou e, pelo menos pelo que podemos ver durante o filme, não manteve amizades. Esse sacrifício foi feito pelo bem do pai e da tia, demonstrando uma preocupação com os outros.

Enquanto isso, sua irmã Lee se mudou para Ohio e cortou relações com a família, pois decidiu não viver em função de cuidar de seu pai nem de sua tia, mas sim de viver sua vida e do que achava que seria o melhor para ela. Lee se casou, teve dois filhos e se separou quando o filho mais novo nasceu, pois seu marido batia neles. Desde então nem ela nem os meninos tiveram notícias dele.

Vinte anos depois, Bessie descobre que está com Leucemia, e foi orientada pelo médico a ligar para a irmã e pedir para que ela vá visitá-la junto com seus dois filhos para realizar um exame e verificar se suas medulas são compatíveis, para ver se seria possível realizar um transplante.

Lee consegue autorização do sanatório, onde seu filho mais velho, Hank, está internado, para levá-lo consigo durante uma semana, já que a situação é extrema. Hank foi encaminhado para lá pois colocou fogo na casa aonde moravam. Esta parte da família retorna para a casa de seu pai.

O reencontro das duas irmãs traz confrontos e descobertas. Depois de tanto tempo separadas, Lee e Bessie não conseguem mais se relacionar até que Hank torna-se o elo de ligação entre elas. Lee fica encantada com o jeito que Bessie tem para lidar com aquele adolescente, que se mostrara tão rebelde e era um filho que ela não conhecia, carinhoso. Com Bessie ele é cuidadoso e faz-se muito especial.

Lee e Bessie tentam entender uma a outra. Na opinião de Bessie, ter cuidado da família foi a melhor coisa que ela poderia ter feito na vida, mas, na visão de Lee esses anos foram perdidos. Embora ela precise entender que quando você faz parte de uma família, amar pode ter mais valor do que ser amada.

Cada uma das irmãs percorreu um caminho sem olhar para trás, mas a partir da doença, elas precisaram confrontar suas escolhas e as oportunidades. Com esse reencontro, ambas vão finalmente conhecer o passado para melhor confrontar a realidade e futuro.

Lee, Hank e Charlie fazem o exame para ver se suas medulas são compatíveis com a medula de Bessie, contudo, nenhuma é. O sonho de Bessie de que poderia estar salva não se realiza.

No decorrer das cenas, é perceptível como elas vão se aproximando e retomando uma relação que fora abandonada no passado. Na última cena do filme aparecem todos no quarto de Marvin, a seu redor. Enquanto Bessie brinca com o reflexo de um espelho, Lee trás uma bandeja com a refeição e os remédios de seu pai, sugerindo uma nova configuração familiar e um novo tipo de relação.

6. ANÁLISE:

Bessie (Diane Keaton) é uma mulher de aproximadamente 45 anos, morena, estatura média, magra, solteira e sem filhos, com um falar calmo, meiga, que mora com o pai, Marvin (Hume Cronyn), e a tia avó Ruth (Gwen Verdon) em uma pequena cidade no interior dos EUA. Há 20 anos atrás, quando seu pai ficou doente, Bessie vendeu sua casa e abandonou sua carreira profissional para cuidar de seu pai e da tia e cuidou deles durante muitos anos com muito carinho, paciência, responsabilidade, dedicação e amor. Ela em não se casou, não tem namorado, nem muitos amigos ou um hobby; mostra pouco interessada e entretida com sua vida e com seus assuntos pessoais, parece que ela não tem sonhos ou projetos a serem conquistados além de cuidar. Parece ser uma pessoa muita fechada, que não divide muito seus sentimentos com outras pessoas. Ela se veste com roupas comportadas e discretas, que configuram um ar de uma pessoa com mais idade do que ela. Ela se mostra conformada com o destino que sua vida lhe deu, e faz muito pouco para mudar, e se contenta com o que lhe é dado. Ela é uma mulher muito educada e com valores conservadores.

Bessie tem uma irmã mais nova, Lee (Meryl Streep), com quem não fala desde que seu pai ficou doente e sua irmã mudou para Ohio. Bessie sabe que sua irmã teve dois filhos, Hank (Leonardo diCaprio) e Charlie (Hal Scardino) contudo, nunca os conheceu. Esta relação é reatada quando Bessie, no começo do filme, é diagnosticada com câncer, mais precisamente com leucemia, e não vê outra saída a não ser ligar para Lee e pedir para que ela vá visitá-la com seus sobrinhos para fazer um exame e verificar se suas medulas são compatíveis. Bessie diz que sua relação com sua irmã sempre a incomodou, contudo, não fez muito para tentar estabelecer outro contato com a irmã e os sobrinhos, se contentou com a dinâmica estabelecida entre elas e sofreu calada.

No começo do filme Bessie se mostra uma mulher muito paciente e calma, acolhedora, responsável, generosa, carinhosa e meiga, como por exemplo, ao cuidar de seu pai e sua tia.

Ao longo do filme, ela apresenta alguns comportamentos pontuais que diferem dos comportamentos apresentados em um primeiro momento, tais como quando ela briga com a irmã com o intuito de deixar claro à ela que não quer que o pai vá morar em um asilo, ou quando ela troca confidências com sua irmã e com seu sobrinho mais velho, expondo seus sentimentos.

6.1 Descrição das Principais Cenas da Personagem Bessie:

Como seria impossível descrever o filme inteiro e pensando que nem todos os leitores poderão assisti-lo, optei por apresentar algumas cenas que enfocam o objetivo deste trabalho.

A primeira cena que Bessie aparece, ela vai até o consultório médico para tirar sangue. Seu médico de costume não pode atendê-la, pois está de férias e o Dr. Wally (Robert De Niro) a atende e ela se mostra pouco a vontade com ele, apesar de tentar não demonstrar. Ela conta para o médico sobre a condição difícil de seu pai e de sua tia. Ela diz ter medo da agulha, mas Dr. Wally não dá muita atenção ao seu comentário e não é muito acolhedor. Ela percebe que ele não está sendo muito compreensível (parece não se sentir acolhida) e quase vai embora, mas é convencida de fazer o exame quando ele lhe diz que talvez não seja apenas um problema vitamínico. Ela demonstra ficar preocupada em ser algo sério, mas não se descontrola.

Bessie, ao chegar em casa, está tensa e fica brava ao perceber que sua tia Ruth não havia medicado seu pai conforme combinado. Dirige-se ao pai e carinhosamente lhe dá os remédios e uma papinha. Bessie conversa com Ruth sobre sua irresponsabilidade de não dar remédio ao pai e promete que caso

alguma coisa aconteça quando ela estiver fora de casa, ela voltará imediatamente para ajuda-la. A cama regulável de seu pai começa a tremer fortemente e Bessie a faz parar, e, depois, atenciosamente, distrai o pai com o reflexo de um espelho na parede.

Em outra cena, vemos que Bessie vai ao médico receber o resultado dos exames. Ele chega atrasado. Entram na sala e ele pede a Bessie mais um exame para tirar algumas dúvidas. Apreensiva, ela pergunta o porquê de fazer mais exames e o que ele quer averiguar. Fica perturbada e confusa com a possibilidade de ter câncer. Ela conta para o médico que sua mãe morreu de câncer. Ela então faz várias perguntas sobre a doença e seus possíveis tratamentos. Dr. Wally tenta ao máximo não entrar em detalhes antes do resultado dos exames, para não deixá-la preocupada, mas ela insiste, ele acaba ficando sem saída e fala. Ela faz o exame para retirar a medula óssea e comenta com o médico que tem uma irmã.

Bessie volta para casa e aparece comendo o que a sua tia Ruth lhe levou na cama. Nesta cena ela já aparece com um lenço na cabeça, indicando que algum tempo tivesse se passado. Ela pergunta sobre Marvin e fica preocupada com o que ele está pensando sobre sua ausência. Fica confusa sobre a postura da tia Ruth de não falar a verdade para o pai, mas ao final concorda pois, desta maneira, o pai não sofreria tanto.

Lee chega na casa de Marvin. Bessie a recebe e fica aparentemente muito feliz em rever sua irmã depois de tantos anos. Elas conversam, se elogiam mas não se abraçam nem se aproximam. Quando sua irmã comenta sobre seu cabelo ela diz que é uma peruca. Ambas ficam sem graça. Bessie vai colocar a roupa de cama suja de seu pai para lavar.

Bessie pede que sua irmã não fume na sala, para não piorar a saúde de seu pai. Lee acata o pedido de sua irmã e em seguida a presenteia com uma

lata de biscoitos. Bessie agradece e diz que esta evitando comer açúcar. É um dos poucos momentos que ela demonstra um cuidado consigo mesma, mesmo assim, é um cuidado vinculado com o cuidado de seu pai e de sua tia.

Bessie pergunta pelos garotos e comenta que tem dois sobrinhos mas que nunca os viu. Lee responde que eles estão no carro para chamar atenção. Bessie fica espantada e as duas se dirigem ao carro. Bessie bate no vidro do carro e pede um abraço dos sobrinhos. Imediatamente, eles saem do carro e a cumprimentam com um curto abraço.

Todos entram e vão até o quarto de Marvin. Bessie fala cuidadosamente no ouvido de seu pai quem são aquelas pessoas. Marvin se assusta. Bessie tenta acalmá-lo e confortá-lo.

Bessie coloca batatas de aperitivo para as visitas. Bessie estranha o comportamento da irmã que manda os filhos não comerem enquanto não forem oferecidas formalmente pela tia, mas parece não ficar a vontade para contestar a Lee ou mostrá-la que ela foi um pouco rígida. Bessie não compreende o porquê mas oferece ao menino as batatas.

À noite, Bessie vê que seu sobrinho está no jardim e vai conversar com ele. É o primeiro momento no qual eles ficam a sos e se aproximam. Ela dá a caixa de ferramentas de Marvin para o sobrinho. Eles discutem e, ao final, ela diz que o ama independente de qualquer coisa. Apesar da discussão, pode-se perceber que de certa maneira eles estreitam sua relação. Quando Hank lhe pergunta se ela queria que seu pai morresse, ela fica desconcertada e não responde, apenas diz que a pergunta é rude e que ele não reveria fazê-la. Bessie lhe diz que gostaria que ele tivesse conhecido seu avô. E que ele não só pode mexer nas ferramentas como se quiser pode ficar com elas. Que ele não irá ficar no sanatório para sempre. Bessie congratula o sobrinho pelos seus 18 anos.

Eles entram na casa e Bessie, ao ouvir o sobrinho falar sobre suas experiências no sanatório, ela fica assustada e desconfia da veracidade da história, mas não fala nada. Hank conta a Bessie que decidiu não fazer o teste. Ela fica quieta por um minuto e diz que talvez sua mãe fique brava. Ela tenta não dar muita atenção para o que o sobrinho falou. Hank diz á ela que ela só está sendo legal com ele porque quer que ele faça o exame. Bessie pergunta para Hank se ele realmente acredita que as pessoas só fazem coisas esperando receber algo em troca e fica abismada quando o sobrinho responde que sim. Bessie lhe diz que o ama independentemente dele aceitar fazer o exame ou não. Hank vai dormir.

Lee se levanta e fala para Bessie que não tem porque ela se aproximar de Hank, pois ficarão lá por pouco tempo. Bessie não responde e as duas vão dormir.

Em outra cena, Bessie vai com Lee fazer o teste da medula. Na volta, ao chegarem em casa, Bessie encontra seu sobrinho consertando o portão. Ela o convida para dar uma volta. Ele vai dirigindo e ela o elogia (soa como uma tentativa de se aproximar e de conquistar o sobrinho). Vão até a beira do mar e lá conversam sobre o pai de Hank. Quando estão indo embora, Hank anda de carro pela beira do mar, e, surpreendentemente, Bessie não fica brava, mas gargalha como não faz no resto do filme. Parece que ela se solta, sente uma emoção e permite viver o momento deixando de lado todas as regras; ao contrário de sua vida, que é extremamente calculada, regrada e planejada o tempo inteiro. Quando ela está com o pai, brincando com o reflexo do espelho ela também fica contente, mas é um contentamento diferente, como se ela ficasse contente por ele estar contente. Nesta hora não, ela está feliz por ela e pelo momento que ela está vivendo.

Bessie volta para casa com Hank, os dois riem muito. Lee os recebe e dá a notícia de que a medula delas não são compatíveis e que o médico que fazer o

teste com os meninos. Bessie não reage, fica parada sem expressar qualquer sentimento.

Bessie vai, contra sua vontade, visitar um asilo, para colocar seu pai depois que ela morresse, já que sua irmã não quer se comprometer em cuidar de seu pai e de sua tia. Durante uma conversa com sua irmã, ela não esconde que não esta gostando nada da idéia de deixar seu pai em um asilo. Bessie comenta que seu pai nunca colocaria sua mãe em um lugar como aquele e pergunta se Lee se lembra de quando do cuidado que Marvin cuidava sua mãe, mas Lee responde que não tinha autorização para entrar no quarto pois era muito pequena. Durante a visita no asilo, Bessie fica muito incomodada ao ver o médico recebendo massagem na maca dos pacientes. Faz cara feia, deixa claro que não está de acordo com a postura da irmã e vai esperar no carro.

Ao chegar em casa, Bessie discute em voz alta com a irmã, pois não concorda com sua decisão de não vir cuidar de sua família e ficar com a casa. Ela pede para a irmã dar uma boa razão e a irmã diz que simplesmente não quer. Ela diz que fez esta decisão há 20 anos atrás, que não ia perder sua vida em nome daquilo. Bessie não consegue entender a irmã.

Bessie pergunta para Lee se ela acha que ela perdeu sua vida cuidando de seu pai. Ela mesma responde e diz que não imagina um jeito melhor de ter vivido sua vida. Diz que ela voltou para a cidade para cuidar de seu pai e que ela não. Bessie quase a xinga de tanta raiva. Elas discutem em voz alta e as duas se descontrolam. Bessie fica triste com tudo que acabou de ouvir, pois além de ter cuidado de seu pai, ter sofrido com a ausência da irmã, ainda ouve a irmã falar que ela que não a procurou.

Bessie vai com os sobrinhos fazer o exame. Fica surpresa ao saber que Hank vai fazer o exame, mas ela contém sua alegria para ele não se ver no centro das atenções. Ela parece ser tão inocente que não consegue acreditar

nas histórias que seu sobrinho lhe conta sobre o sanatório. Eles também discutem, mas no final trocam confidências e se abrem.

Depois, Bessie encontra com irmã na cozinha. Lee pergunta porque ela toma café durante a noite, mas Bessie não consegue confessar que na verdade é porque ela tem medo de dormir e não acordar mais, mas ela só vai falar isso em um outro momento. Elas conversam rapidamente sobre como se relacionam com Hank. Lee fica enciumada pois sua irmã leva jeito com Hank e ela tem muita dificuldade de lhe dar com ele.

Lee sugere a irmã que ela corte sua peruca, com um corte mais moderno e trás um pouco do universo feminino para ela: conversam sobre cosméticos, maquiagem e homens. Bessie fala para Lee o quanto ela está sendo importante para ela. Lee pergunta para Bessie se ela teve um grande amor. Bessie responde que sim, mas que ela o viu morrer afogado. Ela conta do momento da morte de seu primeiro e único namorado, que trabalhava no parque de diversões da cidade; ninguém percebeu que ele estava se afogando pois ele parecia estar sorrindo no meio do lago, enquanto, na verdade, ele estava se afogando. (Ela reproduz esta história de uma maneira muito emocionante e triste, e no final solta uma risada quase que inesperada, que não condiz com a história que acabara de contar). Lee fica inconformada dela nunca ter dividido isto com ela. Bessie explica que elas não eram próximas na época, e que todos a criticariam caso ela contasse que gostava do cara que trabalhava no parque de diversões.

No dia seguinte, Bessie aparece na mesa de café da manhã com a peruca cortada. O corte está mais moderno, todos aprovam e ela fica muito sorridente e aparentemente muito orgulhosa de sua nova aparência que sua irmã lhe proporcionou.

Bessie vai com os sobrinhos, com Lee e com a Tia passar o dia na Disney. Todos andam de montanha russa e parecem de divertirem muito. Bessie

combina de encontrar sua irmã mais tarde. Espera sentada em um banco, tomando um refrigerante, e quando se dá conta, a boca dela está sangrando. Muito assustada, ela se levanta e desmaia no chão. Ela é socorrida pelas pessoas que estão a seu lado, uma delas é o Pateta, que a leva para se recuperar na casa do Mickey. A cena é até gantesca: se por um lado uma pessoa está quase morrendo, por outro a vida continua como no mundo da fantasia, representada aqui pelo parque de diversões.

Bessie acorda com a irmã lhe perguntando o que aconteceu. Ela está deitada na cama do Mickey. Lee comenta que provavelmente desmaiou pois não tinha comido muito. Neste momento, Bessie se abre com a irmã. Conta de seus sentimentos e sensações, que está muito assustada e com muito medo do que pode acontecer. Bessie confessa que não tem conseguido dormir, com medo de não acordar. Chorando, diz que está com muito medo do que pode acontecer.

Dr. Wally liga, Lee atende e passa o telefone para Bessie que recebe a notícia de que o teste dos meninos não era compatível. Com muita calma e um leve sorriso no rosto, ela lhe faz algumas perguntas sobre como será a continuação de seu tratamento e desliga. Sem alterar o som de voz, conta à irmã o ocorrido.

Bessie e Lee se abraçam rapidamente. Elas se exaltam e derrubam os remédios no chão. Ao se agacharem para pegá-los, Bessie diz o quando tem sorte de tê-los por perto e que tem muito amor em sua vida. Bessie comenta que devem falar para os meninos sobre o teste. Marvin começa a gemer e Bessie sobe para ver o que está acontecendo.

O filme acaba com uma cena em que Bessie está no quarto brincando com o seu pai, lhe mostrando o reflexo do espelho na parede. Entretanto, ela olha para Lee e sorri. Pergunta ao pai de ele se lembra de Lee. Bessie fica feliz ao ver que

sua irmã preparou uma bandeja de comida e com os remédios do pai, que ela está cuidando do pai.

Marvin parece muito contente, está sorrindo muito e Bessie parece estar feliz só de ver o pai sorrindo.

6.2 Interpretação e Análise da Personagem Bessie.

Este trabalho tem como propósito fazer uma análise da personagem Bessie do filme “As Filhas de Marvin”, e por ela ser uma personagem fictícia, fica evidente que, diferente de um paciente, eu não tive oportunidade de conversar com ela, interpretar seus sonhos, fazer perguntas para esclarecer algumas de minhas dúvidas e confirmar as hipóteses levantadas. A análise da personagem será feita apenas a partir das informações e evidências que nos foram apresentadas durante o filme. Em decorrência disto, as considerações aqui levantadas serão apenas possíveis hipóteses.

Segue abaixo uma figura que ilustra o símbolo central do processo de adoecer de Bessie, que posteriormente será comentado e esclarecido.

Símbolo Central do Processo do Adoecimento de Bessie

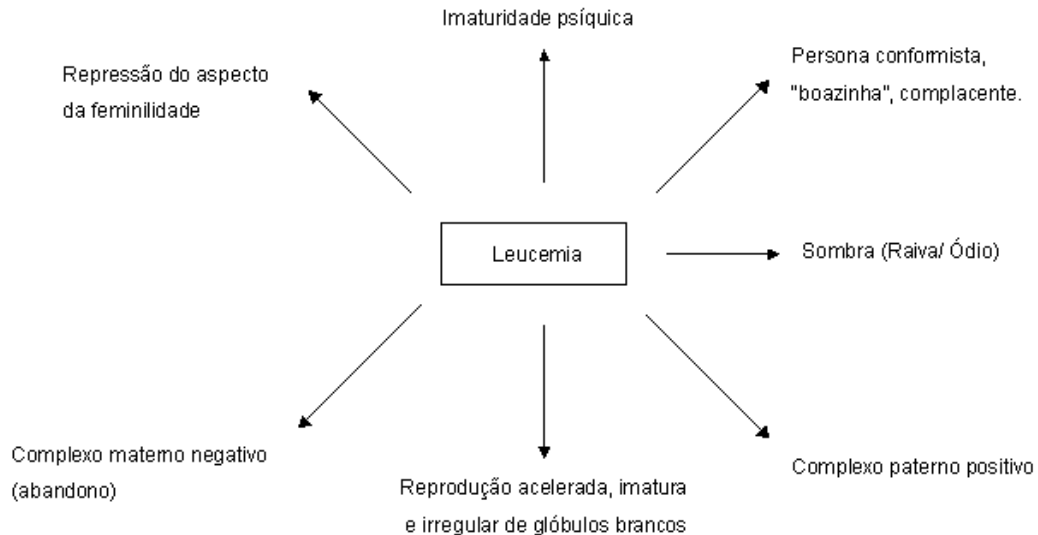


Figura 3.

O processo de adoecimento de Bessie teve como símbolo central a doença Leucemia. Este sintoma orgânico teve papel significativo no processo de individuação de Bessie.

O câncer como doença física, na literatura, é tida como a “loucura celular” por conta da reprodução atípica e sem valor funcional das células. No caso da Bessie, podemos pensar que há um desequilíbrio que se expressa no organismo de forma não verbal, através da doença. Pode ser que a expressão de seus sentimentos que foram tão reprimidos, tais como a raiva, o ódio, sua feminilidade, dentre outros, transduziram-se no plano celular (orgânico) como leucemia.

Podemos fazer um paralelo do aspecto funcional desta doença e de como Bessie se colocava no mundo. Frente a uma situação, ela não impunha suas

vontades ou pensamentos, guardava tudo para ela e conformava-se com seu destino. Por exemplo: ela nunca se conformou de ter rompido relações com sua irmã. Comenta o quanto isso nunca saiu de sua cabeça, mas, ao mesmo tempo, ela não fez nada para mudar esta situação. Outro exemplo foi quando ela abriu mão de sua vida pessoal, de sua profissão e/ou construir uma família para cuidar do pai. Será que era esta a verdadeira vontade dela ou ela simplesmente fez isso em nome de corresponder uma expectativa que ela achava que os outros tinham dela?

O fato dela não se voltar contra os outros em momentos pertinentes, e colocar suas vontades e pontos de vista, é como se ela se voltasse contra si mesma. Ela guarda tudo dentro dela com o propósito de se defender do mundo, mas isso lhe faz muito mal. Esse mal estar emocional pode ter gerado um estresse permanente no corpo dela que pode vir a ter provocado alterações fisiológicas.

Nesta direção, Silva (2006) escreve que, muitas vezes, pessoas que guardam sentimentos tais como a ira dentro de si por muitos anos, isso pode contribuir para seu adoecer, como podemos supor que aconteceu com Bessie:

“(...) A agressividade reprimida e não sublimada é, como veremos adiante, um dos mecanismos mais importantes do adoecer. (...) O ódio, ou a raiva, é de certa forma a ira reprimida. Tendo sentido a emoção e não lhe tendo dado vazão, ficaremos a todo momento sentindo-a novamente. Estaremos, pois com ressentimento. (...) Poucas coisas fazem tão mal às pessoas como trazer dentro de si ressentimentos ou ódio. São emoções tremendamente de si destrutivas, e muito mais destrutivas para os que sentem e alimentam do que para aqueles que delas são objeto.” (pg. 96).

Podemos imaginar que a doença também se liga ao complexo materno, em sua polaridade negativa. Em um momento do filme, quando Bessie esta

fazendo os exames de sangue, quando o médico lhe conta que existe a possibilidade dela ter câncer, ela fala: “Minha mãe morreu de...” e o médico, Dr. Wally, responde: “Eu sei, eu vi no seu prontuário”. Não é dito as claras, mas supõe-se que a mãe de Bessie morreu de câncer. Um pouco mais adiante do filme, durante uma conversa entre Bessie e Lee, Bessie pergunta para Lee se ela se lembra do cuidado de como seu pai havia cuidado de sua mãe quando ela ficara doente, e então Lee responde que não lembrava pois era muito pequena e não a deixavam entrar no quarto. Ela não teve uma figura feminina como exemplo, na qual ela pudesse espelhar sua alma, sua feminilidade, seus relacionamentos amorosos, sua maternidade, dentre outras coisas.

A figura materna varia, predominantemente com a experiência pessoal de cada um. Há situações em que o complexo materno é ativado em sua polaridade negativa e isso ocorre em geral quando a mãe é agressiva, rejeitadora ou ausente, neste caso por morte.

Na mulher, o feminino está relacionada com a relação com o próprio corpo e na relação com o outro. Sobre isto, Werres (2005) coloca que:

“A mulher surge de uma matriz na qual percebe semelhanças consigo mesma. O modelo feminino para uma menina é a sua mãe, ou uma figura que lhe substitua. Nesse modelo estão agregados tanto o arquétipo da mãe quanto o do feminino e é no encontro destes, na vivência com a mãe real, que ocorrerão as impressões daquela futura mulher a respeito de si e do mundo. Benedito (1996) salienta que, para a mulher, a sua experiência arquetípica e pessoal, na origem, assemelha-se à da mãe pessoal, com quem acontece a primeira relação de intimidade. O feminino abarca tanto uma experiência arquetípica como uma vivência pessoal e, dependendo destes fatores, poderá ser positiva ou negativa.”

Como a mãe de Bessie morreu quando ela era ainda muito pequena, podemos imaginar que ela não teve uma figura feminina como exemplo para

desenvolver identidade de mulher. Em consequência disto, ela permanece dentro do complexo da “puella aeterna” e seu lado feminino fica na sombra, não se desenvolve. O único amor que ela teve na vida, quando era jovem, morreu em uma terrível tragédia (afogado) e ela nunca mais se relacionou com nenhum outro homem. Não se casou, não teve filhos e abriu mão de sua carreira para cuidar de seu pai e de sua tia Ruth.

Decorrente da dinâmica que Bessie estabeleceu ao longo de sua vida, de viver dentro do complexo da “eterna menina e boa filha”, ela também desenvolveu um complexo paterno positivo fortíssimo. Ela vive a serviço do pai, de cuidar e dar carinho, e seu lado mulher/feminino fica na sombra. Ela parece se sentir plena só de poder amar o pai e a tia e feliz por poder fazê-los felizes. Permanece dentro deste complexo como uma eterna menina e deixa sua sexualidade de lado: ela só teve um relacionamento amoroso, quando era bem jovem. Podemos considerar que isso se reflete na maneira que Bessie se veste: durante todo o filme, usa roupas axessuadas: sempre com camisas de manga cumprida, sem decotes, com saias longas.

Para Jung, o conceito de sombra é uma dimensão do inconsciente, pessoal ou coletivo, carregada de conteúdos que não podem ser tolerados pela consciência, e aceitas como integrantes do eu conscientes. Segundo Jung (1987):

“A natureza não é constituída apenas de pura luz, mas também de muita sombra, as revelações obtidas pela análise são às vezes penosas e tanto mais quanto se negligenciou o lado oposto.”

Muitos dos conteúdos de grande energia psíquica ficaram na sombra de Bessie. Um outro exemplo disso é o ódio e a raiva de sua irmã. Durante anos elas ficam sem se falar com se uma não existisse para a outra.

Outro aspecto de Bessie que pode ter estimulado o desenvolvimento da doença é a Persona. Jung escolheu o termo Persona para designar a parte da personalidade que mais diretamente se relaciona com o mundo externo. Esta palavra vem do grego (personae) e denominava as máscaras que os atores utilizavam.

“Como seu nome mesmo revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva”. (Jung, 2008, pg. 32).

Contudo, Jung (2008) não nega que a escolha da persona subjaz algo de individual:

“(...) embora a consciência do ego possa identificar-se com ela de modo exclusivo, o si-mesmo inconsciente, a verdadeira individualidade, não deixa de estar sempre presente, fazendo-se sentir de forma indireta.” (pg. 33).

A persona de Bessie, durante muitos anos, correspondeu às expectativas dos outros e não se aproximou de seu verdadeiro Self. Isso é normal em uma primeira etapa da vida, contudo, o desenvolvimento esperado de um indivíduo, é que, ao longo do tempo, ele vá entrando em contato com seu eu e incorpore conteúdos de sua sombra em sua persona. Este processo foi colocado por Jung como Processo de Individuação. Nas palavras de Jung (2008): “A meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos na persona, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais”.

Podemos dizer que houve uma paralisia psicológica em Bessie, ela não evoluiu dentro de seus complexos: abandonou sua sexualidade, uma amostra disso é seu modo de vestir reprimido reprimido e vive um mundo infantil. Fica aprisionada com a situação e não faz nada para mudar. Ela se contenta com o

que lhe é dado, por exemplo, se ela tem que cuidar do pai e da tia, ela vende todos os seus pertences e aceita sua nova vida. Ela apresenta uma personalidade conformista, ou seja, aceita a vida como lhe é entregue pelas situações a sua volta e não corre atrás de seus sonhos e planos, mas sim se conforma e faz da sua realidade seu sonho.

Outro ponto que merece destaque na personalidade de Bessie é que o filme nos dá a impressão dela ser uma pessoa muito sozinha que provavelmente não compartilhava seus sentimentos com ninguém e, segundo Silva (1996) “A tristeza compartilhada com outrem – ou seja, a dor revelada – diminui as tensões geradas pelas perdas e pela angustia”. (p. 97).

O psicólogo americano Pennebaker (1990), realizou um estudo e constatou que as pessoas que suportam a dor sozinha adoecem com maior frequência e de maneira mais grave do que aquelas que verbalizam suas dores. Mais uma vez, no caso de Bessie, nada podemos afirmar, mas, tudo indica que ela é uma pessoa muito sozinha que por muito tempo não dividiu suas dores.

Para Silva (2006):

“A incapacidade de comunicar com palavras os seus pensamentos faz com que essa pessoa “fale” com a “linguagem dos órgãos”, ou seja, o adoecer de determinado órgão é a forma inconsciente do indivíduo de proclamar seu sofrimento e, por não conseguir fazê-lo de outra forma.” (pg. 99).

A doença pode ser uma maneira que o inconsciente de Bessie encontrou para fazer com que ela olhasse para si mesma, e começasse a prestar mais atenção em suas vontades e necessidades, sonhos e projetos, pois, até então, ela só se permitia viver em função dos outros. Também auxiliou o processo de individuação de Bessie, já que a mesma se obrigou a entrar em contato com questões que estavam esquecidas e, de certa forma, até amadurecer

psiquicamente. Curioso pensar que ela não era cuidada por ninguém, até adoecer. Mesmo assim, foi difícil ela de deixar ser cuidada.

E certa maneira o filme acaba nas mesmas condições que começou: Bessie doente e sem um doador compatível para realizar um transplante, cuidando do pai e da tia, sem a certeza de que sua irmã irá cuidar de seu pai quando ela falecer. Apesar de Lee estar presente agora, tem-se a impressão que Lee está mais preocupada em salvar a vida de Bessie para que ela continue cuidando de seus pais e Lee não tenha que se preocupar com isso.

Portanto, a hipótese levantada neste trabalho, é a de que, todos estes fatores citados acima, que estão também presentes na figura 3, tenham influenciado o desenvolvimento da doença de Bessie, como o intuito de restabelecer o equilíbrio psíquico da mesma. Infelizmente, a maneira que seu organismo encontrou para isso foi através da Leucemia.

O modelo analítico permitiu a compreensão simbólica da doença como a manifestação de conteúdos inconscientes que necessitavam ser integrados a consciência.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Retomando o objetivo deste trabalho, que era estudar a psicossomática sob o olhar da psicologia analítica, através de uma leitura interpretativa da personagem Bessie, do filme “As filhas de Marvin”, podemos pensar que, apesar de não haver algum estudo que prove que acontecimentos psicossociais e ambientais tenham relação direta com o adoecer de uma pessoa, há indícios de que isso pode ocorrer e esse filme é um exemplo.

Os resultados deste trabalho são baseados em levantamentos de hipóteses em relação aos possíveis fatores que levaram o adoecer de Bessie, e não em afirmações fechadas, já que se trata de uma personagem fictícia com a qual não pude realizar um trabalho mais profundo e pergunta-la coisas que me auxiliariam no processo de investigação e análise. Por exemplo, tudo o que sabemos em relação à morte de sua mãe foi que ela morreu de Câncer ainda quando as filhas ainda eram muito pequenas e que Marvin cuidou dela com muito carinho, mas não sabemos como Bessie administrou esta perda, portanto, levantei hipóteses, de acordo como que é apresentado no filme, mas de nada posso afirmar com certeza.

O que foi observado em Bessie, é que ela foi diagnosticada com Leucemia após passar por algumas situações difíceis, marcantes e mal elaboradas, tais como: a morte de sua mãe, presenciar o afogamento de seu único namorado, o lento adoecer de seu pai, a briga e o rompimento com sua irmã, o esquecer-se de sua feminilidade e de sua profissão, dentre outros.

Como a psicossomática é um campo que ainda tem um longo percurso a ser percorrido, já que ela leva em consideração as particularidades de cada caso, e não generaliza ou formula regras que caibam a todos. Acredito que a doença é manifestação de um conteúdo, e a mesma doença pode simbolizar inúmeros conteúdos diferentes dependendo de cada pessoa. Este trabalho é só

um exemplo de como nossos eventos psíquicos podem ser a expressão de conteúdos simbólicos de nossa psique e vice-versa.

Conforme identificado neste estudo, esta relação existe e está presente conosco todos os dias. Negar as dicas que nosso corpo nos dá, é só uma maneira de adiar nosso compromisso lidar com um conteúdo que precisa ser trabalhado. Até podemos curar algum sintoma, mas ele voltará, igual ou diferente, até entendermos a mensagem. É um mecanismo do corpo para trazer para a ciência conteúdos que precisam ser trabalhados no plano consciente. Para ilustrar a situação, imagine um carteiro entregando uma conta. Podemos não aceitar a carta, matar o carteiro ou até mudar de casa, mas nada estará resolvido se não pagarmos a conta.

Vejo muitas pessoas ainda têm resistência em admitir esta relação e algumas até admitem quando se trata de uma relação menos complexa, como por exemplo, ficar com dor de barriga durante uma prova, mas, quando se trata de sintomas mais elaborados, como um câncer, que envolve questões e conteúdos mais complexos que estão na sombra, eles não acreditam, talvez por ser mais fácil negar do que ter que encarar os fatos ou até talvez por falta de conhecimento do tema.

Seria ótimo se as pessoas se aproximassem mais de seus corpos, e não o tratassem tanto como meras máquinas. O nosso corpo é a nossa casa. É fundamental cuidarmos bem dele e nos permitir entender o que ele esta tentando nos falar para vivermos bem.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ÁVILA, Lazslo Antonio. **O eu e o corpo**. São Paulo: Escuta, 2004

BLASCO, Pablo Gonzáles. **Medicina de Família & cinema: Recursos humanísticos na educação médica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

D'EPINAY, Michele alive. **Groddeck: Doença Como Linguagem**. Campinas: Papyrus, 1988.

FARAH, Rosa Maria. **O Trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008.

FERRAZ, Flávio Carvalho; VOLICH, Rubens Marcelo. **Psicossoma Psicossomática Psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa Qualitative com Texto, Imagem e Som**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Aion; Estudos Sobre o Simbolismo de Si-mesmo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

_____, Carl Gustav. **Eu e o Inconsciente. 21 ed.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____, Carl Gustav. **Fundamentos da Psicologia Analítica: Volume XVIII**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

_____, Carl Gustav. **Psychological Types**. Collected works v. 12. Princeton: Princeton University Press, 1972.

_____, Carl Gustav. **Seminários sobre visões.** Tradução livre adaptada de P. Sándor e apostila para uso em aulas. In: Spring, 1930.

_____, Carl Gustav. **Sincronicidade.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** São Paulo: Atlas, 2002.

MELLO FILHO, Júlio de. **Concepção Psicossomática: Visão Atual.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

MOURIM, Ricardo. **Aprender Com o Corpo: Estabelecendo Relações Entre a Psicologia Analítica e as Técnicas Corporais Taoístas.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

PACHECO, Cláudia Bernard Souza. **A cura pela consciência.** São Paulo: Próton, 1987.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática.** Campinas: Papyrus, 2002 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

RAMOS, Denise Gimenez. **A Psique do Corpo.** São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, Marco Aurélio Dias da. **Quem Ama Não Adoece**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.

WERRES, Joyce Lessa. **O Complexo Materno e o Feminino Emergente**. Porto Alegre, 2005. Dissertação de Mestrado.

ZAKS, Jerry. **Marvin's Room – trad. As Filhas de Marvin**. Scott Rudin, Jane Rosenthal, Robert De Niro, USA, 1996.

<<http://www.abrale.org.br>>. Acesso em: 01 ago. 2008.

8.1 Bibliografia consultada:

DAHLKE, Rudiger; DETHLEFSEN, Thorwald. **A Doença Como Caminho**. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1983.

DONICE, Mariângela Gargioni. **Prevalência dos Sintomas de Estresse em Psicoterapeutas Corporais: Uma Pesquisa Psicossomática**. São Paulo, 2007. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.

GOLEMAN, Daniel e Joel Gurin. **Equilíbrio Mente-Corpo: Como usar sua mente para uma saúde melhor**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GUIR, Jean. **A Psicossomática na clínica Lacaniana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

_____, Carl Gustav. **Fundamentos da Psicologia Analítica, Volume XII**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

LEWIS, Martha. ***Fenômenos Psicossomáticos: Até que Ponto as Emoções Podem Afetar a Saúde.*** Rio de Janeiro : José Olympio, 1988.

MELLO FILHO, Júlio de. ***Psicossomática Hoje.*** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MCNELLY, Delton Anne. ***Tocar: Terapia do corpo e Psicologia Profunda.*** São Paulo: Ed Cultrix, 1989.

NOGEIRA, Ricardo Prado Pupo. ***O Sintoma e a Dissociação psicossomática.*** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PAGE, Christina R. ***Anatomia da Cura: O Significado da Doença Física, Mental e Espiritual.*** São Paulo: Ground, 2001.

RAMOS, Denise Gimenez. ***A Psique do Coração, Uma Leitura Analítica de seu Símbolismo.*** São Paulo: Cultrix, 1990.